



Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural*

Paolo Demuru**

Resumo: O presente artigo analisa os elos entre populismo e teorias da conspiração no Brasil contemporâneo. Com base em uma abordagem semiótico-cultural que dialoga com os estudos sobre *glocalização*, investiga-se a relação entre dois temas recorrentes das teorias da conspiração que circulam atualmente ao redor do mundo: aquele do conflito entre a suposta dominação das elites sobre o povo e aquele do líder salvador da pátria – cujo papel é central no discurso de Bolsonaro. Defende-se a hipótese de que tal narrativa adquiriu, no caso do atual presidente do Brasil, formas e tons que são relacionados à semiosfera religiosa brasileira, em particular ao messianismo de matriz evangélica. Observa-se que, assim como aquele que tais figuras promovem, o discurso messiânico de Bolsonaro é caracterizado pelo uso frequente e constante de três estratégias discursivas específicas: o misticismo, a escatologia e a carga estética.

Palavras-Chave: glocalização; teorias conspiratórias; populismo digital; messianismo; Brasil.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.180942> .

** Professor Titular do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, Brasil. E-mail: paolodemuru@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1559-9530> .

Introdução

Líderes populistas conservadores de direita como Donald Trump, Matteo Salvini e Viktor Orbán servem-se frequentemente das mesmas estratégias discursivas para comunicar sua ideologia política nas mídias sociais (Da Empoli, 2019; Sedda e Demuru, 2018; 2019; Demuru e Sedda, 2020). Entre outros recursos, eles costumam aludir a teorias da conspiração segundo as quais elites poderosas estariam planejando dominar suas nações e o mundo. Entre outras, ganharam recentemente destaque as teorias *QAnon* e *The Great Replacement* [A Grande Substituição, em tradução livre]. De acordo com a primeira, uma facção de pedófilos adoradores de Satanás estaria tramando contra o povo dos Estados Unidos da América e o ex-presidente daquele país, que teria sido eleito com o intuito de combatê-la. Em diversas ocasiões, o próprio Trump pareceu acenar aos adeptos de *QAnon* repostando, em seu perfil do *Twitter*, conteúdos relacionados à teoria¹. O mesmo aconteceu com *A grande substituição*, a qual defende que um grupo de elites estaria planejando substituir os cidadãos europeus por populações oriundas dos países árabes, do norte da África e do Oriente Médio. Nos anos recentes, Matteo Salvini e Viktor Orbán aludiram a tal narrativa conspiratória afirmando que “há forças políticas que querem uma substituição da população por razões ideológicas ou outros motivos”² ou que “Uma substituição étnica está em curso na Europa” (tradução minha)³.

Jair Messias Bolsonaro, trigésimo oitavo presidente da República Brasileira, eleito em outubro de 2018, refere-se também de modo assíduo a supostos planos que estariam sendo implementados para acabar com o Brasil e com sua população. Em 6 de setembro de 2018, em um evento de campanha em Juiz de Fora, Bolsonaro recebeu uma facada no abdome. O perpetrador do ataque, que anos antes havia sido filiado ao partido de esquerda PSOL, foi declarado inimputável por causa de sua condição mental. Apesar disso, e não obstante a ausência de evidências que provassem o contrário, Bolsonaro, seus filhos e seguidores insinuaram muitas vezes que o atentado havia sido preparado “pela esquerda” com o fim de impedir seu sucesso na eleição⁴.

Essa não foi a primeira vez que Bolsonaro e bolsonaristas mencionaram a existência de planos secretos contra ele, contra o Brasil e os brasileiros. Ao menos desde 2016, quando Bolsonaro emergiu como um potencial candidato à

¹ Cf. <<https://www.rollingstone.com/culture/culture-features/qanon-trump-timeline-conspiracy-theorists-1076279/>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

² Cf. <<https://www.theguardian.com/world/2019/sep/06/viktor-orban-trumpets-far-right-procreation-anti-immigration-policy>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

³ Cf. <<https://tg24.sky.it/cronaca/2016/05/29/matteo-salvini-migranti-sbarchi-austria>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

⁴ Cf. <<https://catracalivre.com.br/dimenstein/bolsonaro-insinua-que-a-esquerda-cometeu-atentado-e-pressiona-pf/>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

Presidência, suas alusões a complôs nacionais e internacionais se tornaram cada vez mais frequentes. De tempos em tempos, atores como o *Foro de São Paulo*, os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, a China e outras entidades mais vagas como o *establishment* ou o *sistema* são indicados como autores de complôs antinacionais.

Consequência direta dessa narrativa é o fato de que líderes populistas emergem como espécies de *salvadores da pátria*, sendo percebidos pelos adeptos das teorias da conspiração como os escolhidos para guiar o povo em sua luta contra as elites. Em alguns casos, como naqueles de Bolsonaro e de Trump, a imagem dos referidos líderes ganha uma aura messiânica, na qual política e religião se entrelaçam constantemente.

Dito isso, o que o discurso de Bolsonaro tem em comum com o de Trump ou dos outros líderes acima citados? Além do conflito entre o povo e as elites, existem outras estratégias narrativas e discursivas por meio das quais as teorias conspiratórias que circulam atualmente ao redor do mundo são promovidas? Se sim, como seriam traduzidas localmente? E como o Bolsonarismo fez isso no Brasil?

Neste artigo, procuro responder a tais perguntas. Com base em uma abordagem sociosemiótico-cultural (Greimas, 1984; 2014; Landowski, 2005; Sedda, 2012) que dialoga com os estudos sobre *glocalização* (Appadurai, 1996; Clifford, 2001; Giulianotti e Robertson, 2009), defendo a hipótese de que o vínculo entre populismo e teorias da conspiração adquiriu, no Brasil de Bolsonaro, tons messiânicos que estão relacionados ao fenômeno neopentecostal evangélico, em particular aquele de igrejas tais quais *Igreja Universal do Reino de Deus* (doravante IURD) e *Assembleia de Deus Vitória em Cristo* (doravante ADVEC), bem como de seus respectivos líderes Edir Macedo e Silas Malafaia. Mais especificamente, procuro mostrar que, assim como aquele que estes últimos promovem, o discurso messiânico de Bolsonaro é caracterizado pelo uso frequente e constante de três estratégias discursivas específicas: o misticismo, a escatologia e a carga estésica.

Assim como em outros países ocidentais – em particular os Estados Unidos da era Trump – o elo entre as teorias da conspiração e o estereótipo do salvador da pátria que luta contra o *establishment* se funda, no Brasil de Bolsonaro, em crenças messiânicas. No entanto, como veremos, essa conexão é construída de acordo com as práticas e os discursos próprios de cada semiosfera (Lotman, 1985).

1. Semiótica, cultura(s) e *glocalização*

De acordo com Giulianotti e Robertson (2009, p. 60), o termo “glocalização” refere-se “à co-presença simultânea da identidade e da diferença, bem como à interpenetração intensa entre o local e o global, o universal e o particular, a homogeneidade e a heterogeneidade”. Traduzindo em termos semióticos, os estudos sobre a *glocalização* buscam evidenciar como as identidades sociais e culturais, assim como as crenças coletivas, são definidas por meio da articulação entre sistemas e processos locais e globais de significação e produção de sentido.

Com base na abordagem semiótica ao conceito de *glocalização* desenvolvida por Sedda (2012; 2014), considero-o aqui como um

dispositivo semiótico [...] no qual uma *globalidade* ou uma *localidade* não são entendidas como entidades ontológicas, mas sim como *efeitos de sentido relativos e relacionais*, a partir de estratégias e táticas de *incorporação* que são postas em ato de acordo com *relações específicas de força e poder*. (Sedda, 2014, p. 48, tradução minha, itálicos no original⁵)

Desse ponto de vista, a questão relevante não é mais *o que é a glocalização*, mas sim *como ela emerge* enquanto tal: como algo pode ser definido, ao mesmo tempo, como *local e global, igual e diverso, universal e particular*? A partir de quais estratégias semióticas essa identidade é construída?

O funcionamento do dispositivo semiótico da *glocalização* se baseia em processos de tradução semiótico-cultural, isto é, na maneira como elementos de um dado universo sociocultural, seja ele global ou local, são incorporados a outros universos socioculturais. O esporte, a religião e a gastronomia oferecem exemplos significativos desse tipo de prática tradutória (Fabbri, 2000; Demuru, 2014; Giulianotti e Robertson, 2009; Sedda e Stano, [no prelo]). Retomando o estudo de James Clifford (2001) sobre a tradução do Evangelho na língua e na cultura Kanak, Sedda mostrou, por exemplo, como o povo Kanak interpretou a Trindade Cristã (Deus Pai, Filho e Espírito Santo) como uma entidade dual que possui, ao mesmo tempo, traços masculinos e femininos. Essa leitura foi sendo definida de acordo com a semiosfera religiosa local, a qual se funda em um sistema totêmico dual, e, em particular, nas figuras divinas de Bao e Kanya.

Esse exemplo revela o que de fato é uma tradução semiótico-cultural: um processo em que expressões e conteúdos de um dado sistema sociocultural são transpostos e inscritos em outro sistema sociocultural, a partir de relações de

⁵ “[...] in which a *globality* and a *locality* are not given as ontological entities but as *relative and relational meaningful effects* departing from strategies and tactics of *incorporation* that are played through specific *force and power relations*”.

força e poder internas e externas a tais sistemas (Sedda, 2012; 2014). Bem entendido: ao falar em expressões e conteúdos, refiro-me não apenas à dimensão inteligível como também à dimensão estética e passional de toda prática de produção de sentido, inclusive a tradução semiótico-cultural (Landowski, 2005; Fabbri, 2000).

A *glocalização* funciona de modo similar ao que acabo de descrever. A identidade *glocal* de uma cultura nacional, de um grupo social, de um estilo de vida, de uma prática cotidiana, de um símbolo, de um mito, de uma paixão coletiva e assim por diante, depende da maneira como nelas se misturam e combinam expressões e conteúdos locais e globais, como a figura de Deus e seus respectivos significados. Como Greimas argumentaria, é o modo como as coletividades humanas constroem e articulam sua própria grade de leitura do mundo que o torna “significante [...] ao nos permitir identificar as figuras como objetos, ao nos permitir classificá-las, relacioná-las umas às outras [...] sendo de natureza semântica, ele [o crivo de leitura] serve de ‘código’ de reconhecimento que torna o mundo inteligível e manuseável” (Greimas, 1984, p. 24).

Por essas razões, como defendi anteriormente (Demuru, 2014), o arcabouço teórico metodológico da Semiótica e da sociossemiótica de inspiração greimasiana (Greimas, 1984; Landowski, 2005), em paralelo a outras abordagens, como a semiótica da cultura desenvolvida por Lotman (1985), pode contribuir de modo significativo para o estudo dos sistemas socioculturais, bem como, mais especificamente, para o de sua dimensão *glocal*. Ela disponibiliza, pois, um conjunto de instrumentos de análise em profundidade de textos, discursos e práticas a partir do qual reconstrói, paralelamente, suas articulações com outros textos, discursos e práticas, sejam de mesma ou de outras esferas socioculturais, independentemente de sua dimensão e alcance.

Como veremos, o discurso populista-conspiratório de Bolsonaro é também construído com base em um processo de tradução semiótica de natureza *glocal*. Nele, figuras, temas, motivos, papéis temáticos e actanciais, paixões e sensibilidades de origem global e local sobrepõem-se e ecoam-se reciprocamente, dando corpo à imagem de um salvador da pátria envolvida por uma específica aura messiânica, cujos traços distintivos remetem ao discurso do evangelicalismo brasileiro.

2. Populismo e teorias da conspiração: afinidades discursivas

Estudos recentes oriundos de diversas áreas disciplinares destacaram o vínculo entre o populismo contemporâneo e as atuais teorias da conspiração (Bergmann, 2018). Conforme Bergmann e Butter argumentam (2020, p. 334), a cifra populista das teorias conspiratórias reside no fato de que elas oferecem “uma explicação específica do porquê as elites agem contra os interesses do

povo”. Os populistas servem-se de teorias da conspiração com o escopo de se apresentarem como figuras *anti-establishment* e de promoverem suspeitas sobre instituições públicas e privadas, políticos tradicionais e autoridades científicas (Taggart, 2019).

De um ponto de vista semiótico cabe, inicialmente, ressaltar que as teorias de conspiração que circulam atualmente ao redor do mundo físico e virtual se fundam nos mesmos programas narrativos, papéis temáticos e universos figurativos (Butter, Knight, 2020; Leone, 2016; Leone, Madisson, Ventsel, 2020; Madisson, Ventsel, 2020). Retomando, por exemplo, os casos de *QAnon* e *A Grande Substituição*, percebe-se logo que ambas as teorias estão baseadas na mesma oposição narrativa de fundo: a luta entre o *povo* (do bem) e as elites (do mal). Além disso, as elites agem constantemente por trás das cenas. Há sempre um plano secreto que está sendo implementado com o objetivo de dominar o povo, seja ele das elites de pedófilos adoradores de Satanás ou daquelas que pretendem substituir os ocidentais brancos com pessoas de outras cores e culturas.

Essa aura de mistério é um outro traço distintivo das teorias da conspiração, tanto as antigas quanto as modernas e contemporâneas, desde o antissemitismo até as teorias da *Nova Ordem Mundial*, *Pizzagate*, *A Grande Substituição* e *QAnon* (Eco, 1990; Leone, 2016; Leone, Madisson, Ventsel, 2020). Como afirma Thornbury, para os adeptos de *QAnon*, “o segredo é um motivo literário ao qual é difícil resistir”⁶. No entanto, para que o discurso conspiratório continue vivo, o mistério não deve ser desvelado de maneira completa. Com base no conceito de “semiose hermética” desenvolvido por Eco, poderíamos dizer que as teorias da conspiração promovem discursos enigmáticos cujo sucesso depende da sobrevivência dos mesmos segredos que elas dizem revelar. Razão pela qual, ao mesmo tempo que o mistério diz ser desvelado, o segredo é sempre deslocado para alhures.

Como antecipei na introdução, diante desse cenário os líderes populistas emergem frequentemente como espécies de salvadores da pátria, mostrando desejo, força e potencialidade para combater as elites. Para tanto, eles costumam combinar uma suposta aura de ordinariedade – o fato de se mostrarem como pessoas normais como quaisquer outras (Moffit, 2016; Demuru, Sedda, 2020) – com um leque de presumidas qualidades extraordinárias. Em alguns casos, essa extraordinariedade adquire contornos messiânicos: a batalha do líder contra o *establishment* se torna uma espécie de cruzada político-religiosa. É o que acontece nos discursos de Trump e de Bolsonaro, bem como no de *QAnon*, segundo o qual o ex-presidente norte-americano estaria lutando contra as elites

⁶ Cf. <<https://religionandpolitics.org/2020/10/22/qanons-messianic-secret/>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

globais e, como veremos, nas narrativas conspiratórias brasileiras (Hills, 2017; Bonfim, 2020).

A indeterminação semântica e a polissemia são também características discursivas cruciais tanto para o discurso populista quanto para o discurso conspiratório (Sedda, Demuru, 2018). Como Eco defende (1990), as teorias da conspiração dão lugar a uma "interpretação paranoica", segundo a qual qualquer signo aparentemente insignificante pode revelar os planos secretos das elites. De modo similar ao que acontece no populismo clássico e contemporâneo, os signos da narrativa conspiratória são "significantes vazios" (Laclau, 2005), que podem ser preenchidos com conteúdos diversos, conforme as necessidades do momento. Ademais, a interpretação paranoica está sempre aberta a novas leituras do fenômeno que pretende analisar. Não apenas os "poderes ocultos" que governam o mundo podem permanecer vagos, mas podem também abarcar, vez por vez, atores diversos (George Soros, Obama, os Clintons, a Rússia, a China, a Venezuela e assim por diante).

Paralelamente, populismo e teorias da conspiração abusam de mecanismos de manipulação por contágio e da dimensão passional do processo de comunicação (Landowski, 2020; Sedda, Demuru, 2018), na qual o corpo, os humores e a busca por um vínculo afetivo entre indivíduos e grupos de indivíduos cumprem um papel de primeiro plano. Essa interação estésico-passional sobredetermina, ao mesmo tempo, a função fática do discurso, especialmente daquele on-line, por meio do qual é reafirmado o pertencimento dos envolvidos na dinâmica grupal (Marrone, 2017; Madisson, Ventsel, 2020).

3. Teorias da conspiração e salvadores da pátria: variações sobre o tema

Ainda que estejam presentes em escala global, tais estratégias discursivas são usadas pelos líderes e movimentos populistas de acordo com as lógicas semióticas que governam suas respectivas semiosferas nacionais. Por exemplo, as teorias da conspiração sobre a suposta origem laboratorial do novo coronavírus na China foram misturadas, nos grupos bolsonaristas de *WhatsApp*, a outras tramas conspiratórias locais. Os opositores de Bolsonaro, como o Governador de São Paulo, João Doria, foram descritos como integrantes da seita que produziu o SARS-CoV-2 com a intenção de implementar o socialismo e o anticristianismo no Brasil e no mundo.

Pense-se ainda, a este propósito, na maneira como o discurso messiânico de *QAnon* mistura elementos da cultura conspiratória norte-americana (Knight, 2000), do evangelicalismo neopentecostal e de outros movimentos religiosos-espirituais e pagãos (Shaw, 2019). Como observa Adrienne La France, se, por um lado, a narrativa de *QAnon* é "movida pela paranoia e pelo populismo, pelo outro

é também alimentada pela fé religiosa. A linguagem do cristianismo evangélico chegou a definir o movimento *QAnon*. Em *QAnon* casam-se o apetite para o conspiratório com crenças positivas sobre um futuro diferente e melhor”⁷. Ao mesmo tempo, enquanto fenômeno ligado ao universo simbólico da *Alt-Right* estadunidense, *QAnon* mistura elementos oriundos do paganismo e da mitologia nórdica e greco-romana (Shaw, 2019). Como vislumbra Cosentino (2020), de resto, o universo temático-figurativo e as práticas da cultura dos *videogames*, bem como as de redes sociais como *4chan*, tiveram um papel de primeiro plano na construção do discurso messiânico-conspiratório de *QAnon*.

A participação em estilo vídeo-game é um dos aspectos mais cativantes de *QAnon*, que reflete um dos traços comuns das teorias da conspiração e das campanhas de ódio online, as quais atraem novos membros com experiências divertidas, como marcar pontos, ganhar status na comunidade ou aumentar sua visibilidade. É claro que isso é um reflexo do meio subcultural do *4chan*, inspirado na cultura do videogame. (Cosentino, 2020, p. 72)⁸

Essas sobreposições ficaram evidentes nos protestos que levaram, em janeiro de 2021, à invasão do Capitólio, em Washington, por parte de seguidores de Trump e de adeptos de *QAnon*. Entre eles, havia pessoas com tatuagens de símbolos oriundos da mitologia nórdica – como Jake Angeli, o assim chamado “Xamã do QAnon”, em cujo abdome desponta, entre outras insígnias, um martelo de Thor⁹ – e de *videogames* tais quais *Dishonored*, jogo de ação e aventura de Arkane Studios¹⁰.

As variações do papel temático do messias nacional revelam também como as narrativas conspiratórias globais são traduzidas de acordo com os contextos discursivos locais. Na figura de Trump elaborada por *QAnon* se articulam, por exemplo, os componentes acima mencionados. Assim como o discurso de *QAnon* como um todo, a construção da imagem do ex-presidente norte-americano reside na mixagem de traços distintivos da cultura popular conspiratória dos EUA – literatura, cinema, séries de televisão, *videogames* (Cosentino, 2020; Dalsgaard, 2019) – com o imaginário evangélico. De acordo com a narrativa de *QAnon*, Trump aparece tanto como um “super-herói pop” (Schneiker, 2020) quanto como um messias religioso (Hills, 2017). Por outro lado, cabe ressaltar que o

⁷ Cf. <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2020/06/qanon-nothing-can-stop-what-is-coming/610567/>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

⁸ “The game-like participation in QAnon is one of its most appealing aspects, and it reflects a common trait of on-line conspiracy theory and on-line harassment campaigns, which entice new members with entertaining experience such as scoring points, gaining status within the Community or increasing its visibility. This is of course also a reflection of the subcultural milieu of 4chan, infused with reference to videogame culture”.

⁹ Cf. <<https://theconversation.com/us-capitol-riot-the-myths-behind-the-tattoos-worn-by-qanon-shaman-jake-angeli-152996>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

¹⁰ Cf. <<https://www.thegamer.com/dishonored-capitol-building-antifa-tattoo-washington-outsider-mark/>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

próprio Trump pareceu muitas vezes alimentar e confirmar tais convicções, insinuando que ele seria “O escolhido” [The Chosen One]; “O Rei de Israel”¹¹, “Batman”¹² ou “Superman”¹³.

A virada conservadora de Putin é, também, um exemplo de como o populismo, o messianismo e as teorias da conspiração foram articulados de acordo com as semiosferas locais. Como Engström defende, essa mudança é associada ao conceito teológico ortodoxo de *Katechon*,

[...] que protege o mundo do advento do Anticristo e tem origem no Império Bizantino. Na tradição russa, esse conceito é apresentado na conhecida doutrina segundo a qual Moscou seria a Terceira Roma, que remonta ao século XVI. O conceito de Rússia como *Katechon* está diretamente ligado à política de segurança e defesa nacional, pois é usado como base ideológica para a nova onda de militarização e sentimento antiocidental. (Engström, 2014, p. 356)

Como veremos a seguir, o messianismo político-religioso de Bolsonaro parece ser predominantemente construído a partir da relação entre o discurso e o imaginário do evangelicalismo brasileiro.

4. Messianismo e conspirações no populismo bolsonarista: entre o global e o local

Assim como aquele de Trump, o caso de Bolsonaro proporciona um terreno fértil para explorar como o elo global entre o discurso populista e o discurso conspiratório é localmente traduzido a partir de uma combinação específica de temas, figuras, papéis temáticos, programas narrativos, paixões e sensibilidades de origem diversa.

O sobrenome de Bolsonaro é Messias: Jair Messias Bolsonaro. Em diversas ocasiões, ele mesmo aludiu jocosamente ao destino que estaria encarnado em seu nome¹⁴. Essa é uma brincadeira que Bolsonaro parece às vezes levar a sério. Em 19 de maio de 2019, por exemplo, ele publicou em seu perfil no *Facebook* um vídeo do pastor congolês Steve Kunda saudando-o como um messias nacional. Estas foram as palavras usadas por Kunda para descrever Bolsonaro:

¹¹ Cf. <<https://www.washingtonpost.com/religion/2019/08/21/i-am-chosen-one-trump-again-plays-messianic-claims-he-embraces-king-israel-title/>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

¹² Cf. <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-47878038>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

¹³ Cf. <<https://www.nytimes.com/2020/10/10/us/politics/trump-white-house-coronavirus.html>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

¹⁴ Cf. <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/09/opinion/1520605105_073408.html> e <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/28/sou-messias-mas-nao-faco-milagres-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortes.htm>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

Digamos que é um novo tempo. Eu não faço política, sou um pastor. Mas acredito que temos que influenciar a política. A igreja não é apenas sobre rezar pela manhã, tarde e noite. A igreja influencia a sociedade de modo positivo, não apenas negativo. Na história da Bíblia, havia políticos que foram definidos por Deus. Um exemplo é um imperador da Pérsia, Ciro. Antes de seu nascimento, Deus falou através de Isaías: “Eu escolho meu servo, Ciro”. E o sr. Jair Bolsonaro é o Ciro brasileiro. Eu não moro aqui, mas falo por Deus. Você aceite ou não, seja você de esquerda ou direita, Sr. Jair Bolsonaro é o Ciro Brasileiro. Deus o escolheu para um novo tempo, uma nova época no Brasil.¹⁵

Na Páscoa de 2020 (12 de abril), Bolsonaro associou a tentativa de assassinato que sofreu à ressurreição de Cristo. Durante uma conferência com líderes religiosos brasileiros, ele afirmou: “Eu queria falar uma coisa, já que hoje se fala em ressurreição. Eu não morri, mas estive perto da morte [...] Outro milagre aconteceu. O perfil para chegar à presidência não era meu, nada tinha para chegar, sequer tinha partido até março de 2018”¹⁶.

Essa estratégia de construção de imagem se tornou evidente nas eleições de 2018. A campanha presidencial de Bolsonaro era repleta de temáticas e tons religiosos. O célebre *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” é, talvez, o exemplo mais significativo do papel crucial da religião no discurso do presidente brasileiro. Em 1º de janeiro de 2019, durante a cerimônia de posse de sua presidência, Bolsonaro proferiu que a “Bandeira brasileira jamais seria vermelha” e que isso somente aconteceria caso “fosse preciso sangue para mantê-la verde e amarela”¹⁷. Tais alegações reforçam não somente a aura messiânica de sua liderança, mas também sua imagem enquanto mártir, aquele que quase morreu por sua nação.

O sucesso do discurso messiânico de Bolsonaro tem, certamente, razões históricas, sociais e políticas. A esse respeito, é necessário dizer, primeiramente, que o número de evangélicos pentecostais cresceu drasticamente nos últimos 30 anos¹⁸, assim como a sua participação no debate político, especialmente nas mídias sociais (Cunha, 2019). Em segundo lugar, é preciso considerar a queda da era Lula e do PT que culminaram no *impeachment* da presidente eleita Dilma Rousseff, em agosto de 2016, e, também na prisão do próprio Lula, em abril de 2018, no âmbito da assim chamada *Operação Lava Jato*. Tais fatos provocaram o crescimento de sentimentos antipolíticos, a ponto de todo o sistema político brasileiro passar a ser visto como corrupto e moralmente degradado. Além disso, tanto a derrota contra a Alemanha na Copa do Mundo de 2014 (7 a 1) quanto

¹⁵ Cf. <<https://www.youtube.com/watch?v=b42FX5Bb-cU>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

¹⁶ Cf. <<https://www.youtube.com/watch?v=yoULwu1diHw>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

¹⁷ Cf. <<https://br.reuters.com/article/idBRKCN1OV1R1-OBRDN>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

¹⁸ Cf. <<https://revistapesquisa.fapesp.br/fe-publica/>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

as narrativas da mídia sobre a crise econômica contribuíram para a falta de credibilidade da política tradicional, da administração pública e da grande mídia, assim como para a perda de confiança na ideia de um Brasil “país do futuro”, propagada internacionalmente durante os mandatos de Lula (Demuru, 2018).

O populismo messiânico de Bolsonaro surgiu nesse cenário. Seu relato de salvação, repleto de referências ao universo evangélico cristão, preencheu o vazio narrativo aberto pela crise acima mencionada. Aos poucos, Bolsonaro abraçou publicamente o evangelicalismo. Seu batismo foi realizado no Rio Jordão no mesmo dia em que o Senado brasileiro votava pela abertura do processo de *impeachment* da presidente eleita Dilma Rousseff (12 de maio de 2016). Da mesma forma, sua candidatura foi apoiada por Edir Macedo, líder da IURD e dono do Grupo Record – empresa que inclui a TV *Record*, a terceira maior audiência das redes de televisão do Brasil – e Silas Malafaia, o líder espiritual da ADVEC, entre outros. A primeira coisa que fez enquanto presidente eleito foi, não por acaso, uma prece coletiva, guiada pelo pastor evangélico e parlamentar Magno Malta. Como disse Malta:

Nós começamos esta jornada orando, e o mover de Deus, e ninguém vai explicar isso nunca, o que acontece, os tentáculos da esquerda jamais seriam arrancados sem a mão de Deus [...] Temos que agradecer ao Senhor pelo que fez: levantou Jair Bolsonaro duas vezes, porque o Senhor não permitiu que a morte o tragasse [...] O senhor ungiu Jair Bolsonaro, e a partir desta data Senhor, ele passa a ser o Presidente de todos nós, um presidente que ama a pátria, um cristão verdadeiro, um patriota, cheio de fé, coragem e esperança.¹⁹

Como demonstram as palavras de Malta, essa aura messiânica é constantemente combinada a narrativas conspiratórias de diversos tipos, nas quais os planos de dominação do *establishment* brasileiro se sobrepõem constantemente aos internacionais da *esquerda*, dos *anticristãos* e das *elites globalistas*.

Globalismo é um tema recorrente no bolsonarismo, também usado por Trump, Bannon e pela *alt-right* americana (Stack, 2016). Como ressaltado por Filipe Martins, assessor para assuntos internacionais de Bolsonaro, o Globalismo seria um projeto político que pretende “destruir a nação para favorecer os interesses políticos de uma elite transnacional ou pós-nacional, para acorrentar o pensamento humano, para privar o homem da liberdade e do senso de propósito”²⁰. Por essa razão, ele continua, “O Brasil tem que se reposicionar no embate mundial entre soberanismo e globalismo, no qual está em jogo não só a existência da nação, mas também o legado civilizacional cristão-ocidental e a

¹⁹ Cf. <<https://www.youtube.com/watch?v=BksNm7fDfyg>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

²⁰ Cf. <<https://twitter.com/filgmartin/status/1079342814352293888>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

própria essência do homem em sua presença diante de si mesmo e do mistério existencial”²¹.

Outros expoentes do Bolsonarismo, como Olavo de Carvalho, um dos principais guias intelectuais do movimento, e Ernesto de Araújo, então Ministro das Relações Exteriores no governo Bolsonaro, descreveram o Globalismo com, praticamente, as mesmas palavras. De acordo com Araújo, “o globalismo tenta formular, de maneira canhestra, uma espécie de nova religião, com esses pseudovalores, esses conceitos legítimos, mas que são extrapolados e transformados em ideologia – como os direitos humanos, como a tolerância, como a proteção ambiental, por exemplo” (Araújo, 2019, p. 12). Diante da ascensão dessa ideologia, torna-se necessário “reintroduzir a Deus nessa cidadela da sociedade liberal, em substituição a essa religião ateia do politicamente correto” (Araújo, 2019, p. 12).

Ainda que os bolsonaristas não usem o termo, o Globalismo remete à mais antiga teoria da conspiração da *Nova Ordem Mundial*, que também prevê a ascensão de um novo governo elitista global relacionado, em alguns casos, ao fim do cristianismo. Como colocam Martins e Araújo, uma importante consequência do Globalismo seria, pois, o fim do legado cristão-ocidental, o qual vincula-se, por sua vez, a um outro movimento conspiratório global: o Marxismo Cultural, de acordo com o qual intelectuais e acadêmicos estariam subvertendo os valores tradicionais cristãos para promover o liberalismo, o multiculturalismo e a ideologia de gênero.

Essa ameaça religiosa é uma temática recorrente no discurso de Bolsonaro. Em seu discurso nas Nações Unidas, em setembro de 2020, o presidente do Brasil defendeu a luta contra a ascensão daquilo que denominou como “Cristofobia”. Um mês depois, ele postava em sua conta no *Instagram* a foto de uma igreja em chamas em Santiago do Chile, invadida durante os protestos que precederam o Referendo Constitucional de 2020. Bolsonaro escreveu em seu *post*: “No meu discurso nas Nações Unidas, eu denuncie a existência de uma grande perseguição dos cristãos ao redor do mundo: a Cristofobia. Hoje, igrejas foram queimadas por grupos esquerdistas no Chile”. A própria imagem é um exemplo significativo dos perigos anunciados por Bolsonaro (Ver Figura 1):

²¹ Cf. <<https://twitter.com/filgmartin/status/1079346365296185344>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

Figura 1: Post de Bolsonaro sobre Cristofobia.



Fonte: <<https://www.instagram.com/jairmessiasbolsonaro/?hl=pt-br>> e <<http://www.whatsapp-monitor.dcc.ufmg.br/brazil>> Acesso em: 10 jan. 2021.

A mesma imagem foi compartilhada em grupos de *WhatsApp* bolsonaristas ao longo da mesma semana, seguida pela mensagem e pelas *hashtags*: “#CristaoNaoVotaEmEsquerdista”, “#CristaoNaoVotaNaEsquerda, vamos espalhar essa ideia”. Muitas outras, com a mesma temática e tom similar, foram postadas nos dias sucessivos, o que evidencia a relação íntima entre os discursos de Bolsonaro e os de suas redes de apoiadores no *WhatsApp*.

Seja de acordo com o discurso presidencial, seja com o da mídia social, Bolsonaro estaria lutando contra essas conspirações esquerdistas-anticristãs assim como um suposto messias faria. Como coloca Araújo a respeito do discurso de Bolsonaro no Fórum Econômico Mundial em Davos, 2019, “no discurso de abertura, o presidente Bolsonaro, no final, falou de Deus. Eu não sei, não fui pesquisar, mas acredito que provavelmente foi a primeira vez que um chefe de estado fala, usa a palavra Deus, acreditando nEle, sobretudo no Fórum de Davos [...] Então é isso: Deus em Davos” (Araújo, 2019, p. 14).

O discurso messiânico-populista de Bolsonaro se refere, portanto, aos mesmos temas conspiratórios usados pelos movimentos e líderes populistas nos Estados Unidos e na Europa. Suas alegações sobre Cristofobia e a suposta perseguição dos Cristãos ao redor do mundo ecoam não só *QAnon*, mas também a teoria da conspiração da *Grande Substituição*, à qual Salvini e Orbán frequentemente aludem. Tal pensamento tem alimentado a ideia de uma nova perseguição global aos cristãos, abraçando o cristianismo e usando a religião como uma poderosa ferramenta político-discursiva.

O Bolsonarismo, contudo, tem especificidades que dependem da maneira pela qual as narrativas populistas-conspiratórias globais são traduzidas estrategicamente dentro do contexto cultural, social e político brasileiro, bem como do papel das mídias sociais nesse processo de produção de sentido.

Nesse aspecto, pode-se dizer que o messianismo de Bolsonaro parece estar relacionado ao evangelicalismo de modo ainda mais explícito do que o de Trump, que guarda proximidade ao evangelicalismo dos Estados Unidos. Mais especificamente, o Bolsonarismo abusa com frequência de três traços distintivos do discurso evangélico: a escatologia, o misticismo e a carga estésico-passional. A prece de Magno Malta, bem como a Figura 1 acima reportada, são alguns exemplos emblemáticos desses recursos. Além disso, o próprio Bolsonaro parece promover sua imagem de messias político-religioso de modo mais frequente e explícito que outros líderes populistas atuais, a começar por Trump.

Procurarei mostrar, a seguir, como esse discurso é construído tanto nas mídias sociais do Presidente do Brasil, como também nos grupos públicos bolsonaristas de *WhatsApp*.

5. Escatologia conspiratória

A Escatologia conspiratória é um primeiro aspecto do discurso messiânico de Bolsonaro intimamente ligado ao evangelicalismo. A Figura 1, analisada na seção anterior, é um exemplo significativo do papel que o tema do *fim dos tempos* ocupa em sua narrativa. O cenário representado na imagem é apocalíptico: uma igreja cercada por fogo e chamas, como nas mais clássicas narrativas do Apocalipse. Lembrando que, como dizia Bolsonaro em seu *post*, tal destruição, bem como a perseguição dos cristãos ao redor do mundo, são parte de um plano conspiratório de grupos ditos *esquerdistas*.

Devastação, ruínas, destruição e desolação são temas recorrentes da escatologia bolsonarista. Tanto durante a campanha eleitoral de 2018 quanto em seus dois primeiros anos no governo (2018-2020), o Presidente da República do Brasil levantou por diversas vezes o espectro de uma catástrofe moral, social e econômica que se seguiria a um suposto ataque do “sistema” e dos “poderes ocultos” que decidiriam, há séculos, o destino do Brasil. Em maio de 2020, por exemplo, Bolsonaro compartilhou em seus grupos de *WhatsApp* um texto no qual um autor anônimo previa uma “explosão nuclear” (*sic.*) iminente, que poderia levar o Brasil a seu “colapso” derradeiro. O autor desconhecido alegava que o Brasil estaria “disfuncional como nunca tinha sido”, e que o que haveria à frente no horizonte seria “uma ruptura institucional irreversível, com desfecho imprevisível”²².

Entre março e abril de 2020, quando o Brasil registrou o primeiro avanço exponencial nos casos de Covid-19, o refrão continuava o mesmo. Em 25 de março de 2020, após a publicação do decreto de início da quarentena no Estado de São Paulo, Bolsonaro postou um vídeo de uma entrevista em seu perfil do

²² Cf. <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-compartilha-texto-de-autor-desconhecido-que-fala-em-pessoas-para-governar,70002832941>> Acesso em: 08 jan. 2021.

Twitter no qual ele convidava a população a se levantar: “Brasileiros! Acordem e encarem a realidade [...] se não fizermos isso, em alguns dias, e quero deixar bem claro, em alguns dias, pode ser já tarde demais”²³.

Seguindo na mesma toada, em 16 de abril de 2020, Bolsonaro alegou ter em mãos um dossiê organizado pelo serviço secreto que provaria a existência de um plano organizado pelo Supremo Tribunal Federal, por Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos Deputados, e por João Doria, Governador do Estado de São Paulo, com o objetivo de removê-lo da presidência. Em 19 de abril de 2019, ele publicou um vídeo no qual o presidente do *Partido Trabalhista Brasileiro*, Roberto Jefferson, seu aliado, revelava alguns detalhes desse suposto plano. Um projeto cuja realização levaria rapidamente, de acordo com ambos, “ao desastre”, “à ruína” e “à depressão”.

Grupos bolsonaristas no *WhatsApp* são repletos de discursos similares. Especialmente durante a crise engendrada pela Covid-19, as narrativas apocalípticas sobre o fim do Brasil e a ascensão das elites globalistas se tornaram ainda mais frequentes. De modo análogo à mensagem de áudio mencionada na seção anterior, boa parte das mensagens alegava que a pandemia era parte de um plano desenvolvido pela China com o apoio dos oponentes políticos de Bolsonaro, e que essa implementação levaria rapidamente “ao caos”, “à violência” e “à crise econômica”. De acordo com eles, a China iria comprar todas as empresas e indústrias brasileiras, supermercados iriam ficar sem comida e bebida, e bandidos saqueariam as cidades²⁴.

Muitos outros exemplos poderiam ser citados. Contudo, o que importa destacar é o fato de que essa narrativa escatológica é construída de modo muito semelhante àquela de boa parte das igrejas evangélicas brasileiras, tais como IURD e ADVEC, bem como de seus respectivos líderes religiosos: Edir Macedo e Silas Malafaia.

Não é minha intenção, nem seria possível, desenvolver, aqui, uma leitura aprofundada da dimensão escatológica do discurso evangélico da IURD e ADVEC. Com base nos estudos da religião, da Comunicação e da Semiótica, bem como em uma análise de um conjunto de textos verbais e imagéticos emblemáticos, limito-me a destacar algumas correspondências cruciais entre o evangelicalismo brasileiro e o bolsonarismo, focando, em particular, em como o segundo contribui para formar o discurso conspiratório do primeiro, e vice-versa.

Como estudos da religião apontaram, a escatologia do evangelicalismo brasileiro, assim como aquela do norte-americano, é pós-milenarista (Rodrigues,

²³ Cf. <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1242788888508272641>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

²⁴ Cf. <<http://www.whatsapp-monitor.dcc.ufmg.br/brazil/>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

2002). De acordo com sua visão, a segunda vinda de Jesus Cristo deverá se concretizar após o “Milênio”, depois de um período de “tempos difíceis”, “guerras, terremotos e pragas”, “perseguição e ódio contra as pessoas de Deus”, “negação da fé”, e do advento de “falsos profetas”, para citar as palavras exatas usadas por Silas Malafaia em um de seus sermões²⁵.

Em seu *blog*, Edir Macedo usa expressões similares para descrever os “sinais do fim do mundo”: “barulhos”, “guerra”, “pragas”, “terremotos”, “ódio a Deus” e assim por diante²⁶. Junto a isso, é interessante observar a dimensão visual de tal discurso. Para ilustrar sua narrativa, o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus usa uma foto que nos remete àquela de Bolsonaro sobre a Cristofobia, em que a figura do fogo e das chamas ocupa um papel de primeiro plano.

Figura 2: Postagem de Edir Macedo sobre o fim dos tempos.

Sinais dos Tempos

Faça as contas e confira as Palavras do Senhor Jesus...



Fonte: <<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/sinais-dos-tempos-2/>> Acesso em: 10 jan. 2021.

Tais discursos ecoam aquilo que observamos a respeito da escatologia conspiratória de Bolsonaro. Os motivos e as figuras do *caos*, das *ruínas* e da *destruição* são cruciais em ambos os casos. A esse propósito, não parece uma coincidência que, nos primeiros meses da pandemia de Covid-19, Silas Malafaia

²⁵ Cf. <<https://www.youtube.com/watch?v=in3VTR4-cx4>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

²⁶ Cf. <<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/sinais-dos-tempos-2/>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

tenha repercutido com os mesmos temas e tons o discurso de Bolsonaro sobre o “caos” que se seguiria ao isolamento social imposto pelos governadores estaduais. Em um vídeo publicado no *YouTube*, o pastor apoia o fim da quarentena, alegando que ela levaria ao “caos social”, “econômico” e “político”²⁷.

Como consequência dessa articulação temático-figurativa, Bolsonaro emerge mais uma vez como um messias salvador da nação. Sua luta contra as supostas “forças de destruição” anticristãs consolida-se, tanto no plano do discurso visual quanto naquele do discurso verbal, como uma verdadeira cruzada político-religiosa. A imagem à esquerda na Figura 3, que circulou no *WhatsApp* no início de 2019, é um caso emblemático dessa estratégia. O *slogan* de Bolsonaro “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” aparece abaixo da imagem de um cavaleiro cristão carregando a bandeira nacional, enquanto o texto acima – “Vamos salvar o Brasil” – sugere que o país deve ser salvo dos inimigos anticristãos, portadores de ruínas e caos. O próprio Bolsonaro adotou e corroborou essa imagem ao fazer, em maio de 2020, uma aparição em cima de um cavalo em Brasília, cavalcando em direção a seus apoiadores (Ver imagem à direita da Figura 3).

Figura 3: A figura cavaleiresca de Bolsonaro.



Fonte: *Folha de São Paulo*.

Como observou Bonfim (2020), a imagem do cavaleiro é mais uma referência escatológica messiânico-milenarista, que abarca o papel do messias como um líder militar. Sob essa perspectiva, pode-se dizer que Bolsonaro e a iconografia bolsonarista ressoam a figura de Dom Sebastião, rei de Portugal, que

²⁷ Cf. <<https://www.youtube.com/watch?v=5Zn2dv5FyFI&feature=youtu.be>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

desapareceu em 1578 durante a batalha de Alcácer Quibir no Marrocos. Seu desaparecimento originou o assim chamado *Sebastianismo*, um movimento messiânico português segundo o qual o rei homônimo voltaria para salvar Portugal. O Sebastianismo também exerceu um papel crucial no desenvolvimento dos messianismos religiosos e políticos brasileiros (Chacon, 1990). Como Bonfim (2020, p. 12) argumenta, de modo semelhante à Dom Sebastião, que lutou contra os Mouros no Marrocos para promover o futuro reino de Deus na Terra, a figura cavaleiresca de Bolsonaro surge como uma espécie de “rei do fim do mundo”, um guia militar-religioso-místico que luta contra os poderes ocultos do anticristianismo que pretende dominar o Brasil e o mundo.

Ambas as temáticas populistas do conflito entre o povo, as elites e o salvador da pátria são, portanto, enquadradas dentro de uma narrativa religiosa-messiânica, na qual os temas e as figuras globais da perseguição globalista Anticristã são mesclados com o imaginário político e religioso local, do Sebastianismo ao messianismo evangélico.

6. Um misticismo vago

Em seus discursos públicos e publicações em redes sociais, Bolsonaro cita frequentemente o seguinte verso do Evangelho de João (8:32): “Então conhecereis a verdade e a verdade o libertará”²⁸. Eventualmente, ele cita tais versículos fora de contexto em *tweets* como: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará João 8:32. Carrego esta mensagem sempre à frente de nossa missão. Bom dia a todos!”²⁹. Em outros momentos, ele faz uso da citação para se referir a fatos específicos, com a intenção de expor os supostos planos conspiratórios desenvolvidos contra ele por seus oponentes. Como exemplo, pode-se citar o fato de que, desde que se tornou presidente, Bolsonaro segue dizendo que a eleição de 2018 foi uma fraude e que, sem as tentativas conspiratórias de derrubá-lo, ele teria vencido no primeiro turno. Contudo, ele nunca apresentou qualquer prova concreta que embasasse as acusações³⁰.

Tal estratégia retórica funda-se na “semiose hermética” de Umberto Eco (1990) anteriormente discutida, a qual, juntamente à vagueza, consiste em uma das características principais das narrativas populistas e conspiratórias. Como afirma Eco, um discurso hermético “identifica a verdade com aquilo que não é dito, ou aquilo que é dito de um modo obscuro e deve ser entendido nas entrelinhas” (Eco, 1990, p. 44). Do mesmo modo, de acordo com a lógica da

²⁸ Cf. <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1130797095122853888>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

²⁹ Cf. <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1130797095122853888>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

³⁰ Cf. <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/sem-apresentar-provas-bolsonaro-diz-que-houve-fraude-eleitoral-e-que-foi-eleito-no-1o-turno.shtml>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

semiose hermética, “toda interrogação dos símbolos e enigmas nunca conta a verdade definitiva, apenas move o segredo para outro lugar” (Eco, 1990, p. 47).

Esse é exatamente o caso do discurso messiânico de Bolsonaro. Contudo, há um outro aspecto de sua narrativa que deve ser destacado e que é também manifestado pelo uso frequente do versículo 8:32 do Evangelho de João. No bolsonarismo, a mistura entre hermetismo e vagueza ganha tons místicos. Como um profeta evangélico, Bolsonaro fala como se mantivesse um contato direto com Deus, de quem ele parece ter obtido a “Verdade”. Para usarmos as palavras de Greimas, seu discurso se apoia em uma “dimensão anagógica”, de acordo com a qual, para que um dado texto seja aceito enquanto “verdadeiro”, deve antes ser percebido como um “segredo” (Greimas, 1984, p. 108). Ou seja: estamos aqui diante de um estilo de comunicação hermético-hermenêutico, similar ao discurso parabólico cristão, no qual o destinador se coloca como um verdadeiro “Fiador da Verdade” onisciente (Greimas, 2014, p. 123).

Além de serem marcos das narrativas populistas e conspiratórias, o hermetismo e a vagueza são traços distintivos do discurso místico (cf. Leone, 2014; Ponzo, Galofaro, 2019). Tanto a linguagem, quanto a experiência mística, podem ser lidas de muitas maneiras distintas. Como Eco (1984) demonstra em seu ensaio sobre “o modo simbólico”, as palavras e visões do sujeito-místico estão abertas a uma ampla gama de conteúdos e interpretações, que serão então filtrados de acordo com as relações de poder em jogo em um determinado contexto cultural.

O misticismo conspiratório de Bolsonaro funciona de modo similar. O que está acontecendo por trás da cena da política nacional e internacional pode ser lido como uma consequência de causas múltiplas e diversas. A “Verdade” à qual ele se refere pode ser qualquer coisa. De tempos em tempos, o inimigo pode vir a ser Lula, o Supremo Tribunal Federal, a China e as elites globalistas anticristãs, ou todos eles juntos. O que é “verdadeiro” e o que é “falso” é decidido de acordo com as necessidades do momento, e sempre com o selo divino de Deus (Demuru, 2020). Ao mesmo tempo, o que é verdadeiro hoje pode vir a ser falso amanhã. Não é casual, nesse sentido, que um outro aspecto central do discurso de Bolsonaro seja o uso sistemático da autocontradição³¹, assim como não parece ser fortuito que ele se refira frequentemente à “Verdade” usando o futuro simples: “então conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará”. De modo análogo ao que acontece no discurso evangélico, a experiência da “Verdade” promovida por Bolsonaro é uma promessa eterna de liberdade e prosperidade que nunca se deve realizar por completo, pois ela deve manter vivo o envolvimento na batalha contra os poderes ocultos que regem o mundo.

³¹ Cf. <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

Nesse sentido, o misticismo de Bolsonaro ecoa narrativa messiânica de igrejas como a IURD. De fato, ambos se baseiam em uma promessa de liberdade e prosperidade, bem como na dimensão polissêmica do discurso. Tomemos, por exemplo, o messianismo da IURD que é, segundo Rodrigues (2002, p. 78), “riquíssimo e polissêmico, tendo em vista que passa a ter várias formas, faces e funções e possibilita uma vasta produção de sentidos”. Como acrescenta o autor, trata-se de um messianismo

[...] capaz de sofrer infindáveis (re)adaptações a realidades e contextos sócio-históricos em processo, com a finalidade de atender demandas sócio-religiosas de diferentes segmentos e estratos da sociedade brasileira [...] que reflete as complexidades humanas na perspectiva de encontrar mecanismos religiosos que justifiquem e legitimem a resolução de problemas, sob o cajado das explicações religiosas construídas pela TP, no espaço da Igreja Universal. (Rodrigues, 2002, p. 124-162)

Além disso, deve-se ressaltar que o misticismo político-evangélico de Bolsonaro também é alimentado pela circulação cotidiana de imagens e memes no *WhatsApp* e em outras mídias sociais, em especial no *Instagram*.

Como os outros textos mencionados nas seções anteriores, a Figura 4 sugere que Bolsonaro foi salvo pelo *Senhor* após ter sido esfaqueado na barriga durante a campanha de 2018 em Juiz de Fora. A figura sustenta tanto a imagem de Bolsonaro como um messias nacional, quanto dele como mártir ungido pelo *Senhor*, aquele que quase morreu por seu povo. Essa narrativa foi também corroborada em um vídeo publicado no *YouTube* em 4 de abril de 2020, no qual Bolsonaro convocava o “exército de Deus” a jejuar pela nação no Domingo de Ramos. Logo após essa convocação, uma frase aparecia na tela: “Não temais, nem vos assusteis por causa dessa grande multidão, pois a peleja não é vossa, mas de Deus”. O vídeo continua com uma sequência de declarações dos líderes evangélicos brasileiros mais importantes, que publicamente reconhecem Bolsonaro como um guia político-religioso. Dentre eles, Edir Macedo e Silas Malafaia também aparecem afirmando que um “um tempo de prosperidade está chegando para o Brasil, todas as previsões catastróficas serão aniquiladas por Jesus”³².

³² Cf. <<https://www.youtube.com/watch?v=MV7vR1ZX19Q&t=7s>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

Figura 4: A aparição de Jesus Cristo na cirurgia de Bolsonaro.



Fonte: *WhatsApp*.

Os retratos de Bolsonaro no *Instagram* são também um exemplo de como a aura de misticismo que permeia seu discurso é promovida pelo uso cotidiano das postagens nas redes sociais, como mostra a Figura 5 (Ver Figura 5).

Figura 5: Os retratos místicos de Bolsonaro no *Instagram*.



Fonte: <<https://www.instagram.com/jairmessiasbolsonaro/>> Acesso em: 10 jan. 2021.

Enquadramento, luzes e fundo contribuem aqui para construir uma aura messiânico-mística, especialmente na imagem à esquerda e abaixo, que parece ser uma referência explícita à auréola usada na iconografia cristã para representar um santo ou figura sagrada. Tais escolhas semióticas não apenas reverberam as dimensões transcendentais e sobrenaturais da liderança de

Bolsonaro, como também sustentam a ideia de que a luta de Bolsonaro contra as hordas de elites anticristãs, sejam elas globais ou locais é, acima de tudo, a “peleja de Deus”, como dito no vídeo do *YouTube* mencionado acima.

Essa predileção pelas imagens religiosas é também uma característica forte na construção imagética da identidade de Bolsonaro. Ao percorrer casualmente os perfis das redes sociais de Trump, Orbán ou Salvini – cujo discurso populista, como visto anteriormente, também se apoia em alegações messiânicas –, percebe-se que esse tipo de retrato de inspiração místico-cristã é praticamente ausente. Isso parece reforçar a hipótese de que a dimensão religiosa do messianismo é ainda mais presente e explícita no populismo de Bolsonaro que naquele de outros líderes populistas de direita.

7. Carga estética e contágio

Finalmente, outro aspecto do populismo messiânico de Bolsonaro diretamente relacionado ao misticismo religioso é a carga estética e a dimensão estética. O misticismo é disseminado por contágio (Ponzo; Garofalo, 2019), apoiando-se no envolvimento sensorial do processo de comunicação (Greimas, 1987; Landowski, 2004; 2005; 2018). As Figuras 4 e 5, acima analisadas, são exemplos significativos dessa estratégia. A natureza de seu significado é predominantemente somática. Em termos greimasianos, elas procuram provocar uma verdadeira “apreensão estética” (Greimas, 1987; Landowski, 2004), capturando não só a atenção cognitiva dos observadores, mas também seus sentimentos e humores, fomentando, assim, uma experiência sinestésica completa.

O vídeo do *YouTube* em que Bolsonaro incitava ao jejum do Domingo de Ramos é um outro caso emblemático de tal comunicação sensível-afetiva, que remete, por sua vez, à estética das mídias sociais evangélicas (Cunha, 2019). O filme começa com uma canção épica, que permanece ao fundo ao longo de sua duração. O discurso de Bolsonaro, bem como aquele de outros líderes evangélicos, é caracterizado por um tom fortemente emocional. A maior parte deles levanta a voz para convidar seus seguidores a se unir a Bolsonaro em sua luta pelo legado cristão.

Deparamo-nos, aqui, com um alto grau de carga estética e semiose afetiva. O bolsonarismo recorre frequentemente a essas ferramentas particulares para comunicar seu papel na batalha contra as elites nacionais e internacionais. Por exemplo, em 24 de abril de 2020, em seu discurso à nação, Bolsonaro coloca: “O sistema não vai desistir, mas estamos determinados [...] Poderosos se levantaram contra mim. É uma verdade. Eu estou lutando contra um SISTEMA,

contra o *ESTABLISHMENT*³³. Sua voz sobe e cresce, construindo uma conexão emocional com o público ao promover um discurso de suspeita e de medo.

Outro exemplo mais explícito da predileção de Bolsonaro por misturar narrativas conspiratórias à semiose estética é o da sua participação nas manifestações contra a Suprema Corte e Congresso brasileiro que aconteceram em março de 2020. De acordo com manifestantes, um plano elaborado por ambas as instituições federais estava em curso para derrubar o presidente. Ao descer da rampa do palácio presidencial, Bolsonaro vai em direção à multidão, com a qual ele tira *selfies* e troca apertos de mão. Como diria Landowski, ele parece “eletrizar” as massas e vice-versa (Landowski, 2020, p. 25).

A crença nos supostos enredos conspiracionistas contra os quais eles alegam lutar é construída, portanto, a partir de uma produção de sentido sensível-afetiva que se dissemina por contágio, sustentando e dando forma ao laço coletivo-comunitário (Landowski, 2020; Madison, Ventsel, 2020; Sedda, Demuru, 2018).

Ora, a prece conduzida por Magno Malta logo após a eleição de Bolsonaro, já citada nas seções precedentes, demonstra como a base dessa estratégia está profundamente enraizada nas práticas discursivas e interacionais evangélicas. Lembremos que, em seu discurso, Malta anunciava que “os tentáculos da Esquerda jamais seriam arrancados sem a mão de Deus”. Como observado anteriormente, tais palavras alimentam a imagem messiânica de Bolsonaro, bem como a convicção a respeito da existência de uma suposta conspiração contra ele. Contudo, deve-se acrescentar que a construção semiótica de tal crença não se baseia apenas na linguagem e argumentação verbal. Pelo contrário, a sua eficácia é também garantida pela comunhão estética entre os participantes (Marrone, 2001). Como se vê na imagem à esquerda da Figura 6, Malta, Bolsonaro e outras pessoas participam do ritual dando-se as mãos. A conexão física e a participação emocional são dimensões cruciais do processo comunicacional nos quais estão envolvidos, de forma muito similar àquilo que acontece nos cultos e cerimônias tradicionais evangélicos. A imagem da direita na Figura 7, que mostra um grupo de seguidores evangélicos de Bolsonaro rezando por ele em Brasília em dezembro de 2018, também ilustra o papel crucial dessa comunicação somático-afetiva para corroborar a ideologia bolsonarista.

³³ Cf. <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/125379562977764353>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

Figura 6: O vínculo estésico-afetivo da comunicação messiânica de Bolsonaro.



Fonte: <<https://www.youtube.com/channel/UC8hGUtfEgvpnp6laHSAg1OQ>> e
<<http://agendacapital.com.br/evangelicos-oram-por-bolsonaro-na-entrada-da-granja-do-torto/>>
Acesso em 10 jan. 2021.

Juntamente aos outros aspectos das narrativas contemporâneas globais da conspiração, a semiose afetiva é assim usada pelo bolsonarismo para construir e corroborar um discurso político-messiânico que se encaixa no atual contexto social e religioso brasileiro, no qual a participação dos evangélicos no debate público, bem como a de suas práticas discursivas, cresceu consideravelmente durante as últimas duas décadas, ganhando espaço e visibilidade na mídia tradicional e nas redes sociais (Cunha, 2019).

Conclusão

A segunda década do Século XXI foi marcada por um importante recrudescimento das narrativas populistas e conspiracionistas ao redor do mundo. Ambas estão intimamente ligadas. Líderes populistas de direita, de diferentes países e continentes, apoiam-se em ferramentas discursivas conspiratórias muito similares para promover suas ideologias: polarização, vagueza, semiose hermética e afetiva, entre outras. Em muitas ocasiões, eles retratam a si mesmos – e passam a ser percebidos – como os salvadores da nação, prontos para dar o próprio sangue para proteger seu povo das elites que buscam, supostamente, dominá-los. Alguns desses líderes infundem tais narrativas conspiratórias com temas e tons religiosos e messiânicos. É o caso de Trump, Orbán e Bolsonaro, que alimentaram teorias conspiratórias anticristãs

como *QAnon*, a *Grande Substituição* ou o *Globalismo*, construindo discursivamente sua ação política nos moldes de uma cruzada cristã.

Contudo, o modo como temas e figuras globais são usados depende sempre da realidade de um contexto local particular. Nesse aspecto, desenvolve-se um processo de tradução semiótica para adaptar uma dada narrativa conspiratória populista global às tendências políticas, sociais e culturais em ato num determinado país. Como tentei demonstrar nesse artigo, o caso de Bolsonaro demonstra que as temáticas populistas e conspiratórias – em particular o conflito entre o povo e as elites e o papel temático do salvador da pátria – foram usadas para construir a imagem de um líder messiânico cujo discurso se assemelha àquele do evangelicalismo brasileiro. Escatologia, misticismo e carga estésica são os aspectos principais sob os quais tal correspondência é feita. Como pudemos observar nos grupos públicos bolsonaristas de *WhatsApp*, narrativas populistas, conspiratórias e religiosas são combinadas de modo a alimentar a imagem de Bolsonaro como um messias apontado pelo Senhor. A análise do discurso verbal e imagético de Bolsonaro revela como esse discurso é também assumido por ele em suas mídias sociais. Comparado ao Trumpismo e às teorias conspiratórias dos EUA tais como *QAnon*, em que a narrativa messiânica é construída a partir de uma combinação de evangelicalismo e cultura imagética conspiratória estadunidense, o bolsonarismo parece acentuar ainda mais a dimensão religioso-evangélica da liderança presidencial brasileira. As alegações de Bolsonaro sobre Cristofobia, suas orações públicas, as inúmeras citações do Evangelho de João e os retratos “santificados” de seu *Instagram* são exemplos concretos de como ele desenvolveu um populismo conspiratório-messiânico a partir de um processo semiótico de tradução de expressões e conteúdos, humores e paixões, práticas discursivas globais e locais.

Forças antiglobalistas ao redor do mundo promovem uma “glocalização vernacular” e um “localismo patológico” (Axford, [no prelo]), louvando a defesa de uma soberania nacional e suas – supostamente – puras tradições culturais. Isso é feito a partir de uma série de ferramentas discursivas comuns nas quais teorias de conspiração e religião exercem um papel central. Contudo, cada movimento ou líder populista combina formas e substâncias da expressão e formas e substâncias do conteúdo globais e locais de modo particular. A Semiótica busca contribuir para os estudos da *glocalização*, bem como para os das culturas populistas da conspiração, ao mostrar como isso acontece na prática. ●

Referências

ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Globalismo: uma visão a partir do pensamento de Nietzsche. *Cadernos de política exterior*, 8, p. 5-14, 2019.

APPADURAI, Arjun. *Modernity at large*. Cultural dimensions of globalization. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 1996.

AXFORD, Barrie. Pathological localism or vernacular glocalization? Populism, globalism and the everyday politics of anger. *Glocalism*, 2020, 3, [no prelo].

BERGMANN, Eirkur. *Conspiracy and populism*. The politics of misinformation. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2018.

BERGMANN, Eirkur; BUTTER, Michael. Conspiracy theory and populism. In: BUTTER, M; KNIGHT, P. (orgs). *Routledge handbook of conspiracy theory*. Abingdon: Routledge, 2020.

BONFIM, Evandro de Souza. O espírito santo e o rei do fim do mundo: transmissão do carisma e iconografia escatológica no governo Bolsonaro. *Ciencias Sociales y Religión*, 22, p. 1-17, 2020.

BUTTER, M; KNIGHT, P. (orgs). *Routledge handbook of conspiracy theory*. Abingdon: Routledge, 2020.

CHACON, Vamireh. *Deus é brasileiro*. O imaginário do messianismo político no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CLIFFORD, James. Indigenous articulations. *The contemporary pacific*, 13(2), p. 468-490, 2001.

COSENTINO, Gabriele. *Social media and the new post-truth World order*. The global dynamics of misinformation, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2020.

CUNHA, Magali. Os processos de midiaticização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. *Revista Famecos*, 26:1, p. 1-20, 2019.

DA EMPOLI, Giuliano. *Gli ingegneri del caos*. Venezia: Marsilio, 2019.

DALSGAARD, Inger. Litteraturkritik, fankultur og affekt Trump og Pynchons konspirationslæsere. *Kultur & Klasse*, 128, p. 83-104, 2018.

DEMURU, Paolo. *Football to Futebol: a glocal perspective on the influence of Europe on brazilian football (and vice versa)*. In: ROBERTSON, R. (org). *European glocalization in global context*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 129-146, 2014.

DEMURU, Paolo. Simboli nazionali, regimi di interazione e populismo mediatico: prospettive sociosemiotiche. *Estudos Semióticos*, 15:1, p. 48-63, 2018.

DEMURU, Paolo. Catastrofi imminenti e complotti secolari. *Versus*. Quaderni di Studi Semiotici, 131, p. 237-254, 2020.

DEMURU, Paolo; SEDDA, Franciscu. Il corpo social-ista. *Actes Sémiotiques*, n. 123, 2020.

ECO, Umberto. *Semiotica e filosofia del linguaggio*. Torino: Einaudi, 1984.

ECO, Umberto. *I limiti dell'interpretazione*. Milano: Bompiani, 1990.

ENGSTRÖM, Maria. Contemporary russian messianism and new russian foreign policy. *Contemporary Security Policy*, 35:3, p. 356-379, 2014.

FABBRI, Paolo. *Elogio di Babele*, Roma: Meltemi, 2000.

- GERBAUDO, Paolo. Social media and populism: an elective affinity? *Media Culture & Society*, 40 (5), p. 745-753, 2018.
- GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. *Globalization and Football*. London: Sage, 2009.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica figurativa e semiótica plástica. *Significação*. Revista Brasileira de Semiótica, São Paulo, n. 4, p. 18-46, jun. 1984. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90477>> Acesso em 01 out. 2020.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *De l'imperfection*. Périgueux : Fanlac, 1987.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II*. Ensaios Semióticos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: EDUSP/Nankin, 2014.
- HILLS, Darius. Back to a white future: white religious loss, Donald Trump, and the problem of belonging. *Black Theology*, 16:1, p. 30-52, 2017.
- KNIGHT, Peter. *Conspiracy culture: from the Kennedy assassination to the X-Files*. Abingdon: Routledge, 2000.
- LACLAU, Ernesto. *On populist reason*. London: Verso, 2005.
- LANDOWSKI, Eric. *Passions sans nom*. Paris : PUF, 2004.
- LANDOWSKI, Eric. *Les interactions risquées*. Limoges : Pulim, 2005.
- LANDOWSKI, Eric. Populisme et esthésie. *Actes Sémiotiques*, n. 121, p. 1-19, 2018.
- LANDOWSKI, Eric. Crítica semiótica do populismo. *Galáxia*, 44, p. 16-28, 2020.
- LEONE, Massimo. Semiotica dello slancio mistico. *Lexia*, 15-16, p. 219-282, 2014.
- LEONE, Massimo (org.). *Complotto/Conspiracy*. *Lexia*, Roma: Aracne, 2016.
- LEONE, Massimo; MADISSON, Mari-Lis; VENTSEL, Andreas. Semiotic approaches to conspiracy theories. In: BUTTER, M.; KNIGHT, P. (orgs). *Routledge handbook of conspiracy theory*. Abingdon: Routledge, 2020.
- LOTMAN, Jurij Mihajlovič. *La semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti*. Venezia: Marsilio, 1985.
- MADISSON, Mari-Lis; VENTSEL, Andreas. *Strategic conspiracy narratives: a semiotic approach*. Abingdon: Routledge, 2020.
- MARRONE, Gianfranco. *Corpi Sociali*. Torino: Einaudi, 2001.
- MARRONE, Gianfranco. Social media e comunicazione fatica. Verso una tipologia delle pratiche in rete. *Versus*. Quaderni di Studi Semiotici, 125, p. 249-272, 2017.
- MOFFIT, Benjamin. *The global rise of populism: performance, political style, and representation*. Stanford: Stanford University Press, 2016.
- PONZO, Jenny; GALOFARO, Francesco (orgs). *Semiotica e santità. Prospettive interdisciplinari*. Torino: Circe, 2019.
- RODRIGUES, Kleber Fernando. "VIDA E VIDA COM ABUNDÂNCIA" – TEOLOGIA DA PROSPERIDADE, SAGRADO E MERCADO: um estudo de afinidade eletiva entre a TP, o Mercado e a Ética de Consumo na Igreja Universal do Reino de Deus. 2022, 169 f. Dissertação (mestrado em Sociologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

- SCHNEIKER, Andrea. The superhero Donald Trump as saviour in times of crises. *Political Studies*, 68:4, p. 857-874, 2020.
- SEDDA, Franciscu. *Imperfette traduzioni*. Roma: Edizioni Nuova Cultura, 2012.
- SEDDA, Franciscu. Forms of the world: roots, histories, and horizons of the glocal. In: ROBERTSON, R. (org). *European glocalization in global context*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 35-61, 2014.
- SEDDA, Franciscu; DEMURU, Paolo. Da cosa si riconosce il populismo. *Actes Sémiotiques*, n. 121, 2018.
- SEDDA, Franciscu; DEMURU, Paolo. La rivoluzione del linguaggio social-ista. Umori, rumori, sparate e provocazioni. *Rivista Italiana di Filosofia del Linguaggio*, 13:2, p. 26-40, 2019.
- SEDDA, Franciscu; STANO, Simona. *Food and glocalization*. [No prelo].
- SHAW, Daniel Odin. Something old, something new, something borrowed: the alt-right on building christendom without Christ. *Journal for the Study of Religion and Ideologies*, 18:54, p. 79-92, 2019.
- STACK, Liam (2016). Globalism: a far-right conspiracy theory buoyed by Trump. *The New York Times*, 14 nov. 2016, acesso em 17 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/15/us/politics/globalism-right-trump.html>> Acesso em: 01 jan. 2021.
- TAGGART, Paul. Populism and “unpolitics”. In: FITZI, G.; MACKERT, J.; TURNER, B. S. (orgs.). *Populism and the Crisis of Democracy, vol. 1*, Abingdon: Routledge, 2019.

**Conspiracy theories and messianic populism in contemporary Brazil:
a cultural semiotic perspective**

DEMURU, Paolo

Abstract: The aim of this paper is to analyze the bond between populism and conspiracy theories in contemporary Brazilian political context. Using a cultural-semiotic approach to the studies of *glocalization*, I tackle two recurrent motifs of global conspiracy theories: the domination of the elites over the people – which contributed, in 2018, to the election of Jair Bolsonaro – and the one of the leaders seem like national saviors. I argue that these particular narrative features have taken on, in Bolsonaro’s case, shapes and tones which are related to the local religious semiosphere, especially to the neo-Pentecostal evangelical messianism. Just as the discourses promoted by these figures, Bolsonaro’s messianic utterance is characterized by a high rate of mysticism, eschatology and aesthetic load.

Keywords: glocalization; conspiracy theories; digital populism; messianism; Brazil.

Como citar este artigo

DEMURU, Paolo. Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural. *Estudos Semióticos* [online], volume 17, número 2. Dossiê temático: “A Semiótica e a cultura”. São Paulo, agosto de 2021. p. 264-291. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

DEMURU, Paolo. Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural. *Estudos Semióticos* [online], vol. 17. 2. Thematic issue: “Semiotics and culture”. São Paulo, august 2021. p. 264-291. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 14/01/2021.

Data de aprovação do artigo: 20/03/2021.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

